



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**MILENA BELTRAME BLASIUS**

**O ARQUÉTIPO DA BRUXA: UMA ANÁLISE DE *A BRUXA* (2016),**

**DE ROBERT EGGERS**

**Tubarão**

**2019**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**MILENA BELTRAME BLASIUŠ**

**O ARQUÉTIPO DA BRUXA: UMA ANÁLISE DE A *BRUXA* (2016), DE ROBERT  
EGGERS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Profa. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes.

**Tubarão**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Começo agradecendo a minha principal fonte de inspiração, a pessoa que me incentivou a sempre batalhar pelos meus sonhos e nunca desistir. Minha mãe, Seoli Beltrame Blasius, e meus irmãos Laerte Beltrame Blasius e Ladjane Beltrame Blasius Buss, a quem serei eternamente grata por tudo o que fazem por mim.

Continuando, também deixo aqui meus sinceros agradecimentos às minhas duas madrinhas, Madalena Beltrame e Jordana Beltrame e minha tia, Maria Inês Beltrame que sempre estão presentes em minha vida me ajudando no que fosse preciso e me aconselhando em muitas fases da minha vida.

Agradeço ainda ao meu namorado Leandro Warmling Tenfen por me atuar nos meus piores e melhores dias e estar sempre do meu lado durante toda a minha caminhada. E minhas colegas de turma, Jaqueline Boeing, Mylena Bagio, Jaqueline Amorim e Bárbara Ramos, que desde o início da faculdade companheiras de trabalhos e provas que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida e serão sempre lembradas com muito carinho.

Continuando, meus sinceros agradecimentos à Heloisa Juncklaus Preis Moraes, minha orientadora, que desde o início acreditou na minha capacidade e me ajudou a desvendar esse turbilhão de pensamentos. Também, agradeço aos meus professores da Unisul por sempre serem dedicados e atenciosos, ensinando com muito carinho e competência.

E para finalizar meus agradecimentos, agradeço a Deus, por ter me dado saúde e força para superar todos os obstáculos dessa vida e me fazer ser quem sou e ter tudo o que conquistei nessa vida, estando sempre do meu lado, ouvindo minhas preces e orações e me dando forças para seguir em frente, pois sem Deus nada seria possível.

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar, do ponto de vista da teoria do imaginário de Gilbert Durand, a quebra da imagem do arquétipo de bruxa em *A Bruxa* (2016), dirigido por Robert Eggers. Para dar conta desse objetivo, vamos identificar as marcas simbólicas que geram uma expectativa de sentido em função da construção simbólica da personagem principal na narrativa *A Bruxa*. E discutir a imagem arquétipo de bruxa no imaginário coletivo e sua importância na quebra de expectativa na produção de sentido na narrativa em análise. Os resultados sugerem a produção de uma análise do funcionamento, do ponto de vista da teoria do imaginário de Gilbert Durand, da quebra da imagem arquétipo de bruxa.

Palavras-chave: Imaginário. Bruxa. Arquétipo.

## **ABSTRACT**

This academic project aimed, from the standpoint of Gilbert Durand's imagiary theory, to analyze the breaking of the archetypal representation of witches in *The Witch* (2016), directed by Robert Eggers. To reach this goal, we are going to identify the symbolical marks that creates an meaning expectation due to the main character in *The Wich* narrative symbolical construction. And also discuss the witch archetypal on the popular belief and its importance in the breach of expectation on the meaning production under the narrative in analysis. The results suggest, from the point of view of Gilbert Durand's theory of imaginary, the production of a functioning analysis of the breaking of the witch archetype image.

Keywords: Imaginary. Witch. Archetype.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	10
2.1 IMAGINÁRIO .....	10
2.2 PRODUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DO IMAGINÁRIO.....	12
2.3 ARQUÉTIPO .....	14
2.4 ARQUÉTIPO DA BRUXA .....	16
2.5 FILME - <i>A BRUXA (2016)</i> .....	18
3 ANÁLISE .....	21
CONCLUSÃO .....	30
REFERÊNCIAS.....	31

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de Jesus Cristo na Santa Ceia.....	23
Figura 2 - Família de William, fazendo a oração antes do jantar. ....	24
Figura 2 - Personagem Thomasin, no bosque.....	26
Figura 3 - Personagem Thomasin, se revelando como bruxa, após matar todos da própria família.....	27

## INTRODUÇÃO

A bruxa é uma figura simbólica e muito conhecida, caracterizada por ser antiquada, com nariz grande, feia, usar roupas escuras, ser portadora de uma magia sobrenatural usando normalmente as forças da natureza.

No cinema, há várias representações de bruxa, assim como de outras personagens como lobisomens, vampiros, heróis e princesas. O cinema é uma tecnologia do imaginário de destaque, por apresentar variações simbólicas de muitos arquétipos e provocando encantamento, adesão e sentido a muitas pessoas.

Um exemplo com uma imagem - arquétipo conhecida pela maioria das pessoas de filme é *A Bruxa (2016)*, que será fonte de pesquisa para o desenrolar deste trabalho. É um filme que se passa na Inglaterra, baseado na história de uma família humilde, composta por um casal e cinco filhos, entre eles a menina mais velha Thomasin. Com um rosto angelical, foge à produção de sentido do que simbolicamente representa uma bruxa, e é este caminho de significação feito pelas imagens de arquétipos presentes no imaginário social e expressas pelas tecnologias do imaginário, tal como o cinema, que discutiremos nesta pesquisa.

O arquétipo de bruxa foi reproduzido, talvez na personagem faz com que o público que assista ao filme e fique em dúvidas, pois desde pequenos acreditamos que bruxas são pessoas feias e do mal. E o filme apresenta a quebra dessa representação simbólica, relatando uma imagem totalmente diferente do que muitos imaginam.

Como pode uma personagem tão angelical ter essa quebra de imagem e contornar a história sendo uma bruxa? Nenhuma característica desde o início da história leva os telespectadores a apostarem em Thomasin como ligada aos acontecimentos estranhos e do mal que acontecem na trama. Partindo destas constatações nos apoiaremos na teoria do imaginário, proposta por Gilbert Durand (2002), para compreender como funciona a imaginação, a produção simbólica e as noções de sentido que são forjadas pelo

imaginário, já que a imaginação é uma faculdade do imaginário de criar imagens e a imagem da Bruxa será esse núcleo de pesquisa,

De acordo com Pitta (2005, p. 102), “conhecer as imagens que estruturam o homem é conhecer as imagens que estruturam todas as suas obras”. Toda imagem tem um valor e um significado assim atribuído ao imaginário. Para criar a imagem é necessário dar significado a ela, com isso a teoria do imaginário vai ajudar a compreender melhor essa necessidade de esclarecer o que se passa na nossa imaginação.

Para que isso aconteça, é necessário nos aprofundar na teoria do imaginário, abrangendo, assim, seus tópicos como os arquétipos, mitos e *schèmes*, que atribuem um resultado positivo para chegar a um resultado de pesquisa na área do imaginário.

Com base nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar, do ponto de vista da teoria do imaginário de Gilbert Durand, a quebra da imagem do arquétipo de bruxa em *A Bruxa* (2016), dirigido por Robert Eggers. Ainda, como objetivos específicos, têm-se identificar as marcas simbólicas que geram uma expectativa de sentido em função da construção simbólica da personagem principal na narrativa *A Bruxa*; discutir a imagem arquétipo da bruxa no imaginário coletivo e sua importância na quebra de expectativa na produção de sentido na narrativa em análise.

O objetivo geral desse trabalho tem como forma gerar uma quebra da imagem do arquétipo de bruxa que se demonstra no filme como uma personagem com características totalmente diferente do que os telespectadores esperam. A quebra da imagem da bruxa diz respeito às suas características físicas e psicológicas.

Para cumprir o objetivo do trabalho, precisamos identificar os elementos que atribuem o arquétipo da bruxa generalizado, assim como é visto na literatura e a mudança dessa personagem no filme. O sentido totalmente diferente fará a quebra do arquétipo da bruxa de acordo com as cenas que serão analisadas. A função da imaginação neste trabalho é de criar um novo significado e conceder um novo sentido de personagem.

Analisaremos o filme com base nas imagens, nos mitos e nos arquétipos, embasados na hermenêutica simbólica e pela técnica da análise fílmica, através das cenas

que permitem uma discussão do problema de pesquisa. Para dar conta dessa demanda, o texto foi dividido em três partes, fundamentação teórica, análise e conclusão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 IMAGINÁRIO

Todo ser humano exerce a capacidade de pensamento que podem ir além para dar sentido a tudo o que existe ao nosso redor. Atribuindo esse pensamento ao significado, a mente é o caminho para o imaginário.

É histórica a contraposição entre imaginário e verdadeiro, real. Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível. Essa noção de imaginário vem de longe, de séculos atrás (MAFFESOLI, 2005, p. 74).

O imaginário pode ser descrito como uma capacidade psicológica de criar ou formar significados utilizando as imagens. O valor dessas imagens é que são atribuídos a imaginação.

O vocábulo fundamental que corresponde a imagem não é a imagem, é o imaginário. O valor de uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ela é no psiquismo humano a experiência da abertura da novidade. (BACHELARD, 2005, p.16)

A imaginação é estabelecida como uma das funções da mente que permitem assimilar e dar significado a tudo. O valor de cada imagem é relacionado a um sentimento comum partilhado. Talvez possamos nos identificar com a mesma imagem, mas o significado que ela cria na mente de cada ser humano pode variar. O sentimento que a imagem traz pode ser semelhante de cada indivíduo criando assim um valor simbólico.

Interessados no tema imaginário, alguns teóricos se aprofundaram no assunto. Sendo eles Paul Ricouer, René Alleau, Edgar Morin, Michel Maffesoli, Jean Duvignaud, Jean Baudrillard, J.J Wunenburger, Gaston Bachelard entre outros, além do próprio Gilbert Durand. De acordo com os estudos de Gonçalves (2017, p.34),

o filósofo e antropólogo Gilbert Durand aprofundou-se nos estudos do imaginário. Sua abordagem foi sendo construída através dos estudos de Bachelard que pode ser visto como o seu percurso nestes estudos do imaginário.

Bachelard valorizava as imagens e a consciência racional, Durand enfatizava que não existia divisão entre o racional e o imaginário. Além disso, toma como ponto de partida o simbolismo de Jung e se vai apoiar na sua teoria na parte da psicologia por conceber o símbolo inseparavelmente à consciência imaginária.

É impossível falar de imaginário e não citar o simbolismo como uma referência. Tanto que Durand (2005, p.17) fala que “o símbolo seria a maneira de expressar o imaginário. Deste processo, os símbolos criam uma visão específica do imaginário, é algo concreto que pode ser visto”.

Até então tudo estava se referindo a nossa imaginação, e agora usamos os símbolos para ter uma visão do real a partir da literatura, artes e culturas. Essa simbologia se concretiza graças ao imaginário, que permite nós seres humanos um misto de sensações, o conto de fadas no imaginário é marcado com princesas, casais perfeitos, castelos e cavalos brancos. Ou até mesmo as histórias de terror, que nos causam medo, suspense e angústia.

O medo no imaginário pode ser marcado com lobisomens, escuridão, bruxas e seres malignos. Conforme Bulhões (2010, p. 21), “o medo é [...] uma expressão visível da manifestação da angústia que, por sua vez, relaciona-se a uma vivência subjetiva, a um conflito psíquico”.

Essas sensações que o imaginário traz do nosso inconsciente nos permite simbolizar e dar significados. O bem é caracterizado como coisas boas, delicadas, claras e atribuídas a luz, já o mal é caracterizado como coisas ruins, escuridão e maldade. A partir disso, quem define as características para cada forma de imaginário é o homem. O homem é responsável por dar significado a tudo o que vê, ele pode conhecer e controlar tudo ao seu redor usando a imaginação.

A partir dessas sensações causadas pelo imaginário, podemos começar a caracterizá-lo, descobrindo, assim, qual sentido ele atribui, quais suas características e como é sua formação.

## **2.2 PRODUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DO IMAGINÁRIO**

Tudo o que se passa na nossa mente é responsabilidade do imaginário gerar formas e conceitos que são simbolizadas através de imagens. Todas as nossas representações são possíveis a partir do imaginário.

[...] não é o rascunho do conceito, como quer a tradição mais racionalista. Mas o oposto. Podemos afirmar neste território epistemológico mais lunar, ou ainda, crepuscular, que o conceito é o rascunho da imagem. Seja a imagem registrada em algum suporte de língua artística (...), seja a imagem que se forma em nossa imaginação e será constelada com outros conjuntos de imagem em nosso imaginário; a imagem possui o atributo básico de mobilizar nossos afetos, memória, percepções, nos exigindo formas de acompanhar seu movimento (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 31).

A imagem cria um significado para cada indivíduo. A importância da imagem é o seu sentido, o que ela traz para cada um. Sobre o que ela é responsável e até onde ela pode chegar. Atribuir sentido a vida é também dar significado a tudo. Tudo ao nosso redor tem um valor, mas, cada um estabelece o que é mais importante para si mesmo, conforme nossos conceitos na sociedade em que nos inserimos. Na concepção de Gonçalves (2017, p.28),

é importante observar então que o sufixo “-ário” forma agentes e lugares, depositórios, como por exemplo, secretário, funcionário, dicionário, bicicletário e imaginário. Também, distintos, como “-ção”, “-são”, “-ança”, entre outros, formam nomes de ação, como mudança, compreensão, emoção e imaginação, essa última como sinônimo da capacidade de inventar, da ação do criar e imaginar.

O ato de criação do imaginário vai muito além de imaginar. Sem limitações, o ser humano abre espaço para todos os tipos de pensamentos e concepções. Atraindo dessa forma para o consciente as imagens. Essas imagens terão um significado, e quem constrói esse significado é o próprio indivíduo. Construir e atribuir significado a imagem também faz parte do meio em que cada um está na sociedade. Assim como temos gostos e vontades diferentes, temos sociedades bem diversificadas, desse modo, tentamos nos adaptar a algo que achamos ser semelhante aos nossos padrões.

Conforme Durand (2005, p. 13), “o modo de apresentação / assimilação para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano simbólico”. Sendo assim, a imagem pode ser definida como algo relativo. Todas podem interpretá-la de formas diferentes, mesmo que estejam visualizando a mesma imagem. A simbologia de cada imagem é o que faz a representação da imaginação. “Os símbolos podem ter um

sentido favorável, positivo ou nefasto. Como parte da nossa personalidade, que também em si essa dualidade eles refletem- se naturalmente nas histórias fantásticas” (JUNG, 2005, p. 85).

Somos todos caracterizados conforme nossas próprias atitudes perante a sociedade. O sentido de cada coisa em nosso redor é atribuído conforme o que vimos e simbolizamos. Nossa personalidade é relativa, vista no ponto de vista de cada um. Ninguém tem os mesmos pensamentos e opiniões, assim como ninguém atribui o mesmo sentido e tem a mesma imaginação. A definição da imagem é caracteriza conforme o pensamento e imaginação de cada um. Esse processo de formação é conhecido como plano simbólico.

No plano simbólico, o indivíduo passa por um processo de formação das imagens, capacidade do imaginário. Todos estão inseridos em dada cultura do meio em que vivem e assim há uma relação cultural no processo de simbolização. É o que Durand chama de trajeto antropológico do imaginário. Esse trajeto é modificado conforme a maneira em que o indivíduo se estabelece na sociedade, assim formando suas ideias e argumentando suas próprias opiniões. Conforme Durand (2005, p. 21), “o trajeto antropológico pode partir tanto da cultura como do natural psicológico, o essencial da representação e do símbolo estando contido entre essas duas dimensões”.

Esse trajeto então é a necessidade do ser humano de criar e recriar significados no consciente coletivo. Buscando assim, analisar e solucionar ideias e imagens da mente. Mas o ser humano precisa estar estabelecido em uma dada cultura e sociedade. Assim ele mesmo pode concluir seus próprios significados, a partir do que viu ao seu redor. Essas dimensões são necessárias para chegar a representação da imagem. Porém, esse trajeto das imagens vai além do que apenas imaginar.

Segundo Durand (2005, p.21) “o trajeto das imagens se organiza em torno de um núcleo e formam constelações, essas constelações passam ao redor das imagens e dos gestos, criando assim um caráter coletivo e natural, caracterizando o arquétipo”. Seria quase um mapa mental, só podemos imaginar se conhecermos as imagens, pois elas que nos darão um sentido e um significado. Todas as constelações passarão ao redor das imagens para caracterizá-las, formando assim os arquétipos.

## 2.3 ARQUÉTIPO

O arquétipo está completamente associado às imagens, seria então o sentido de como se forma cada imagem em nosso pensamento. Os arquétipos são pré-formações, prontidões de sentido com potencial para serem simbolizadas. Segundo Jung, “as imagens psíquicas do inconsciente coletivo são patrimônio comum a toda humanidade. O arquétipo é um elemento puramente formal, apenas com possibilidade de pré-formação” (JUNG citado por PERES, 2014, p.17).

Assim é o símbolo que dá uma roupagem aos arquétipos, formando imagens arquetipais. A formação dos arquétipos é essencial para caracterizar a imagem. Mas os arquétipos não trabalham sozinhos, eles necessitam de símbolos para gerar um sentido e ajudar no desenvolvimento da imagem.

Conforme Jung (2005, p. 40), “o arquétipo não é uma norma, uma lei, uma coisa, na visão de Jung, mas é um modo como as coisas podem ocorrer em nossas vidas, seguindo certos padrões, que nos ligam à história muito longa da mente humana”.

Dessa forma, os arquétipos podem se modificar conforme a mente humana. Cada representação de imagem pode possuir um significado diferente para cada indivíduo. As imagens se comportam conforme o que elas significam na sociedade. Grande parte desses arquétipos já estabelecidos na sociedade, tem um sentido concreto e estável. Afirma Durand (2005, p.103) que “conhecer as imagens que estruturam o homem é conhecer as imagens que estruturam todas as suas obras”.

Muitas vezes nos deparamos com certas imagens que terem o mesmo sentido para todos, mas nem sempre essa imagem atribui o mesmo significado e valor. Durand (2012, p. 60) afirma que “os gestos diferenciados em *schèmes* vão determinar, em contato com o ambiente natural e social, os grandes arquétipos”.

Esse modo de como vimos os arquétipos ter o mesmo sentido, vem desde o inconsciente coletivo, até as transformações e recriações vistas pelas narrativas. O ser humano se estabelece na sociedade conforma seu modo de pensar e agir. Tanto que Von Franz cita (2005, p.72) que “arquétipos são como figuras que se comportam de determinada maneira, de acordo com a função narrativa”.

Portanto, essas reinvenções nas histórias podem ser um modo de esclarecer o que acontecem com os arquétipos. O significado de cada imagem está associado a suas origens. Sendo assim, o inconsciente coletivo é o local do arquétipo.

No nosso inconsciente coletivo, aquele que se liga com toda a espécie humana, povoado por arquétipos, inspirou mais de diversos mitos e contos de fada. Histórias que podem ter sido reveladas por meio de sonhos ou da imaginação e traduzidas, sem que o indivíduo percebesse, muitas vezes, o que, de fato, estava contando, o que de fato estava escrevendo. Por que não era seu consciente quem contava, quem escrevia. Mas seu inconsciente (CHAMIZO, 2016, p. 65).

A imagem é a representação de um arquétipo. É a forma de como as imagens se transformam, o modo de como vimos essas imagens. É a primeira parte de uma imaginação de fantasia. Elas podem ser responsáveis por nos mostrar o lado sombrio das histórias, mas também seus sonhos e poderes mágicos. Esse universo simbólico que criamos a partir das imagens são capazes de dar sentido às coisas a partir do imaginário.

Como parte fundamental da psique, os contos de fada habitam nossa alma, dialogando a todo momento com o que temos de mais valioso dentro de nós: nosso universo simbólico, nossa capacidade de criar narrativas, inventar histórias e exteriorizar sonhos. Estudá-los e compreendê-los significa estudar e compreender não somente a história humana, mas, e principalmente, a história de cada ser humano, uma vez que eles pertencem aos reinos encantados do inconsciente e refletem diretamente na nossa mais importante forma de representação simbólica, que é a própria vida (CHAMIZO, 2006, p.40).

Toda história tem um trajeto antropológico. Durand (2005, p.105) “caracteriza o trajeto antropológico como ‘estrutura histórica do imaginário’. Para chegar ao imaginário há várias fases a serem percorridas. Podemos criar histórias ou até imaginá-las conforme as imagens que se passam em nosso inconsciente”. As imagens fazem parte desse trajeto, pois nos auxiliam a caracterizá-las entre o feio e o bonito, o bem e o mal. Através das imagens que criamos um sentido e um significado a tudo o que existe.

Podemos usar um grande exemplo de imaginário, que é, o conto de fadas. As mais lindas e perfeitas histórias, que todos são apaixonados pela leitura, transformando-as em um grande sonho. Qualquer menina já se imaginou sendo uma princesa e morando em um castelo, assim como os meninos também se imaginaram sendo um rei e tendo um cavalo branco. A imaginação do conto de fadas é algo incrível, assim como a leitura nós podemos viajar em um mundo que não existe. Imaginar e sonhar através de histórias.

Mas será que alguém já se imaginou sendo uma bruxa? O papel de pessoa do mal ninguém quer. O vampiro, o lobisomem, o lobo mau, entre outros personagens que se assemelham ao mal nas histórias, nem sempre querem o mal.

Talvez seja um ponto de vista do leitor de estabelecer o significado a eles. A bruxa nem sempre pode ser uma pessoa do mau, ela pode usar sua magia para fazer o bem e ajudar as pessoas. Mas sua imagem de bruxa já se destaca atribuindo esse significado feio e sombrio. As imagens dos personagens fazem com que eles mesmo se caracterizem sozinhos e suas atitudes nas histórias fazem defini-los definitivamente.

## 2.4 ARQUÉTIPO DA BRUXA

Para se aprofundar ao arquétipo, usaremos a bruxa como referência de pesquisa. Vista na sociedade como uma personagem maligna, feia e cheia de magias. A imaginação toma conta do nosso consciente ao dar significado a essa personagem.

Esse processo de formação da imagem da bruxa é algo construído há muitos anos. Sendo ela esse ser visto na literatura, filmes, artes e culturas. E a partir de determinada cultura em que essa bruxa se estabelece é que ela vai ser estudada. Para cada ponto de vista podemos ver concepções, histórias e memórias diferentes. Só não há mudanças na sua representação, a imagem concreta que ela estabelece, vista assim por todos quando pensam em bruxa. “A história das bruxas é inicialmente exposta nos séculos XVI e XVII no ocidente. Conforme suas origens, as bruxas eram mulheres que se demonstravam ser enganadas pelo Diabo. Que no decorrer do tempo foram também marcadas como servas de Satã” (MENON, 2008, p. 1).

Quando se pensa em bruxa, é quase impossível lembrar de coisas boas, pois nas histórias *a bruxa* aparece para fazer o mal e acaba se dando mal também. Essas crenças e superstições são de tempos passados que assombram até hoje nosso dia a dia. Um misto de magia ajuda a produzir essas histórias. A bruxas eram criaturas mágicas, mas não usavam a magia para fazer sempre o bem. Stacy Schiff cita em seu livro *As Bruxas* (2019, p. 19), após uma longa pesquisa sobre a histórias das bruxas em Massachusetts:

Embora nunca saibamos o número exato formalmente acusados de ter “maldosa, maliciosa e delituosamente” se envolvido com bruxaria, algo entre 144 e 185 bruxas e bruxos foram citados em 25 aldeias e cidades antes do fim da crise. Há relatos que mais de setecentas bruxas voaram sobre Massachusetts.

Quando a rebelião e descoberta das bruxas começou a aparecer na sociedade foi algo descontrolado. Pessoas sendo acusadas de bruxaria, mortas e algemadas em toda a comunidade. A população estava se desfazendo, tendo que construir ao longo do tempo, uma nova civilização, uma nova reforma religiosa e novas crenças. Conforme Schiff (2019, p. 26), “o novo mundo era um plágio do velho, mas com algumas mudanças cruciais”.

Até as pessoas inocentes eram prejudicadas. Era difícil saber distinguir uma bruxa somente por sua aparência. Sem o uso de magia, qualquer pessoa era suspeita por todos os seus atos. Para Menon (2008, p. 2),

de qualquer forma o que mais assustava no século XIX na bruxa seria realmente a possibilidade de elas promoverem uma intervenção direta das forças maléficas em meio à comunidade. Daí, a relacionarem a casos de perversão sexual, antropofagia, necrofilia, infanticídio, pestes e calamidades naturais, foi apenas uma questão de tempo. Por isso ela foi considerada um grande mal que precisava ser extirpada de entre o povo.

As mulheres sempre foram vistas como pessoas frágeis e sem forças para lutar e decidir algo. Mas esses poderes sobrenaturais dessas mulheres se associaram à magia não permitidas e ao Diabo. Suas atitudes começaram a piorar, pois como forma de defesa tinham que usar a magia. Conforme Schiff (2009, p.16), “em 1692 a população se revoltou, pois achavam que pessoas que usavam a magia negra como forma de defesa ou ajuda ao invés de seguir a Deus, não deveriam ser aceitas na sociedade. Dessa forma, começa uma rebelião a caça às bruxas”.

Dessa forma, qualquer comportamento negativo já era caracterizado como uma pessoa do mal, uma bruxa. Até nos dias atuais essa figura de bruxa nos persegue. Uma pessoa de pouco caráter, que não ajuda na sociedade, uma pessoa feia que tem comportamento inadequado ou até mesmo uma pessoa que usa magia e acredita nessas crenças, é chamada de bruxa.

A bruxa é alguém capaz de fazer ou parecer fazer coisas estranhas, para além do poder conhecido da arte e da natureza comum, em virtude de uma confederação com maus espíritos. Por meio de pactos, as bruxas assumiam o

poder de se transformar em gatos, lobos, lebres, tendo predileção por pássaros amarelos. Podiam ser mulheres ou homens, porém com mais frequência mulheres (SCHIFF, 2019, p. 56).

O arquétipo da bruxa já é algo concreto, difícil de modificar, pois tem sua pregnância social. Até então, nunca vimos uma bruxa do bem, mas sabemos que todas usam a magia como forma de proteção. Quem sabe agora conseguimos contornar essa história.

## **2.5 FILME - A BRUXA (2016)**

No cinema, há várias representações de bruxas assim como de outras personagens como lobisomens, vampiros, heróis e princesas. O cinema é uma tecnologia do imaginário de destaque, pois permite que o ser humano tenha domínio de consciência assim propondo uma relação entre emissores e receptores, baseado na interação das imagens, dessa forma a tecnologia apresenta variações simbólicas de muitos arquétipos e provocando encantamento, adesão e sentido a muitas pessoas.

O filme *a Bruxa* (2016) de Robert Eggers apresenta uma narrativa que utiliza expectativa de sentido em relação à imagem da bruxa para surpreender os telespectadores. Um filme de suspense com terror, ressalta as sombras nas relações familiares, e a utilização da música para criar suspense, em ocasiões onde o silêncio é utilizado de maneira mais angustiante ainda, onde se pode ouvir até os estalos das chamas das velas, deixando o ambiente com um ensurdecedor silêncio, na qual qualquer ruído pode vir a ser mais uma prova da maldição que assombra aquela família. Até o bosque onde vivem é caracterizado com cores escuras que se sobressaltam com a natureza da década de 1630 na Inglaterra.

O casal Katherine e Willian leva uma vida extremamente cristã com seus cinco filhos, mas, são expulsos da sociedade em que vivem e a história começa a ficar misteriosa. Moram em um bosque, passam fome e aos poucos os integrantes da família vão morrendo.

A filha mais velha, Thomasin, é a única que se salva, ela mesma começa a desconfiar de seus próprios pensamentos até se revelar como uma bruxa. Assim como já visto nesse trabalho, a bruxa é vista como uma pessoa feia e do mal. Mas Thomasin era

uma menina meiga, bonita e que usava sua fé como uma força para superar seus obstáculos.

A representação da bruxa no filme é uma forma totalmente diferente do que já foi visto em todas as histórias. A quebra de sentido em relação à imagem da bruxa é algo inesperado, pois a menina e os telespectadores descobrem suas magias somente no final do filme. As evidências se tornam mais claras conforme seus irmãos morrem de forma esquisita e rápida, mas mesmo tendo provas para confirma sua nova face, a menina não se conforma com o que está acontecendo.

Como pode uma pessoa que quer somente o bem dos outros, que tem uma fé enorme e uma aparência “perfeita” ser uma bruxa? A bruxa não era caracterizada como uma pessoa do mal? Uma pessoa feia? Uma pessoa que pratica rituais profanos?

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar, do ponto de vista da teoria do imaginário de Gilbert Durand, a quebra da imagem arquetipal de bruxa em *A Bruxa* (2016), dirigido por Robert Eggers. Ainda, como objetivos específicos, identificar as marcas simbólicas que geram uma expectativa de sentido em função da construção simbólica da personagem principal na narrativa *A Bruxa*; discutir a imagem arquetipal da bruxa no imaginário coletivo e sua importância na quebra de expectativa na produção de sentido na narrativa em análise.

Para o cumprimento destes objetivos, analisaremos o filme com base nas imagens, nos mitos e nos arquétipos, embasados na hermenêutica simbólica e pela técnica da análise fílmica, através das cenas que permitem uma discussão do problema de pesquisa. Para dar conta dessa demanda, o texto foi dividido em três partes, fundamentação teórica, metodologia e resultados esperados, que estão inseridas ao longo desse trabalho.

### 3 ANÁLISE

*A Bruxa (2016)* se passa na Nova Inglaterra no século XIX. As cenas são marcadas com cores escuras, sem muito contraste. São poucos personagens que aparecem no filme, mas o principal é a família de William e Katherine, composto por sete pessoas. Um casal e seus cinco filhos, entre os filhos, está Thomasin, a filha mais velha da família.

A família de Thomasin tem uma fé inabalável. Acreditam muito em Deus e no milagre, tanto que por causa da sua fé foram expulsos da comunidade em que viviam. Assim, passaram a morar em um bosque se privando de tudo e de todos. Porém, coisas estranhas começam a acontecer quando eles chegam. As plantas não nascem, ficam sem ter o que

comer e aos poucos todos os integrantes da família vão morrendo sem que saibam a causa real.

A única sobrevivente até as últimas cenas é Thomasin, que somente no final do filme se caracteriza como uma bruxa. Até então é impossível afirmar que a menina tão bonita, meiga e de uma fé tão forte seja uma bruxa. A partir dessas suposições do filme iremos analisar as cenas do filme e suas características para chegar a uma conclusão.

## **ANÁLISE DAS CENAS**

Utilizamos a hermenêutica simbólica pela técnica da análise fílmica, pelos recortes de cenas que permitem a discussão do problema de pesquisa e cumprimento dos objetivos. Podemos perceber facilmente, no filme, a fé da família de Thomasin. Tudo o que acontecia de ruim eles tentavam resolver através da oração. Sem alimento, sem plantio, e a morte de todos que acontecia aos poucos.

Analisando os estudos do imaginário relacionados às cenas do filme, podemos perceber que a fé está ligada ao bem, à luz. Mesmo que Deus não apareça no filme, ele é caracterizado como o herói, a salvação. Todos acreditam que ele pode ajudar e resolver os problemas. De acordo com Pitta (2005, p.13),

o ser humano, assim constituído, atribui significados que vão além da funcionalidade dos atos ou objetos. Desse modo, aquilo que poderia parecer absolutamente natural (árvores, água, fogo...), é transformado pelas diversas culturas para adquirir significado. Altere-se a aparência do corpo com as mais diversas escarificações, com o corte dos cabelos, com os enfeites, a roupa... No plano das necessidades básicas, o procedimento não é diferente: para alimentação, existem as proibições alimentares, o modo de apresentação dos alimentos, a maneira de assimilá-los entre outras coisas. Enfim, nada para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano simbólico.

É difícil associar Thomasin a uma bruxa, todas as características da menina não se assemelham à imagem de bruxa que estamos acostumados a ver. Cabelos loiros, uma menina doce e angelical caracteriza Thomasin como uma garota do bem. Atribuindo o significado a ela de uma pessoa amável, ingênua e segura. Diferente da imagem de bruxa

como costumamos ver no imaginário social, sendo elas, pessoas feias, com gargalhadas terríveis e assustadoras.

A religião também é algo muito forte existente na família, ninguém é tão cristão quanto eles na narrativa. O pecado é algo proibido. Essa criação de sentido da religião na mente dos personagens faz com que eles sejam extremamente levados por sua fé e os telespectadores, aproximando a família ao sentido do bem. Não tomam suas próprias decisões sozinhos sem antes orar e conversar com Deus. Nem William, o pai da família que deveria ser uma figura de respeito e confiança, sabe decidir o que fazer conforme as situações em que eles passam no filme.

Como já mencionamos anteriormente nesta pesquisa, a imaginação é estabelecida como uma das funções da mente que permitem assimilar e dar significado a tudo. É necessário atribuir imaginação ao filme para analisá-lo. As cenas do filme fazem com que os telespectadores acreditem que algo de ruim está mesmo acontecendo com aquela família, mas sem provas para justificar quem realmente está fazendo o mal e matando as pessoas, criando assim um suposto suspense. Nas primeiras cenas, só é possível observar a fé em Deus.

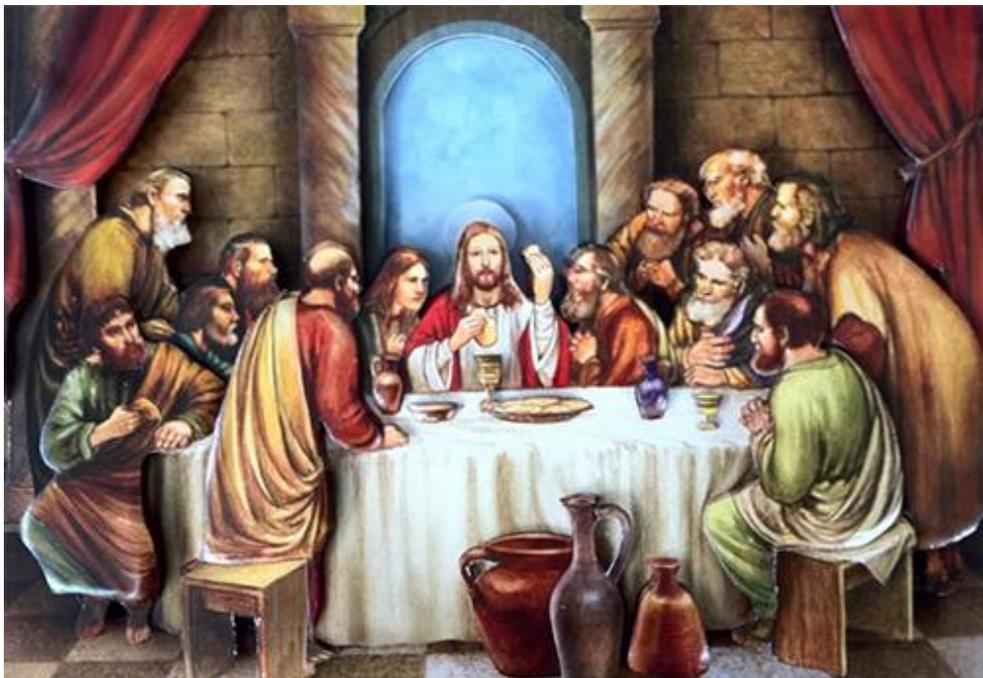
Deus era a principal fonte de ajuda, ele era algo quase real na vida da família. Essa presença do sagrado vai aproximando a família ao sentido do sagrado, evidencia o imaginário religioso ali presente marcado predominantemente por imagens diurnas e pelo simbolismo judaico-cristão, de rendição e desejo de salvação. Quando coisas estranhas começam a acontecer, a família suspeita de que a primeira morte do filho menor seja um castigo por terem saído da comunidade em que viviam. Era em Deus que a família se apoiava e pedia ajuda.

O pecado é visto como o absurdo. Portanto, ninguém pode pecar, mentir ou fazer algo errado, todos são obrigados a seguir as regras da religião. Sempre obedecendo as regras para não serem punidos futuramente, sendo que forma de punição que eles acreditavam que acontecia na família, era a fome, a pobreza e a morte.

Outra parte do filme impossível de deixar passar é a cena que se assemelha com os traços de Santa Ceia. Mostrando a semelhança do pai William, com os traços de Jesus

Cristo, sentado na ponta da mesa, de mãos para cima iniciando a oração de cada dia, criando uma expectativa de sentido em relação à família.

Figura 1 – Imagem de Jesus Cristo na Santa Ceia.



Fonte: Google imagens – Imagem Santa Ceia.

Figura 2 – Família de William, fazendo a oração antes do jantar.

---

<sup>1</sup> Imagem 4 – Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?q=santa+ceia+cristo&FORM=HDRSC2>. Acesso em: 30 de junho de 2019.



Fonte: Google imagens – Cenas do filme *A Bruxa*.

A paisagem do bosque onde se passam as cenas também são monótonas, não aparecem muitas mudanças de cenário, todo o enredo do filme se passa no mesmo lugar. Um bosque sombrio e assustador, onde podemos ouvir até os ecos e vozes no silêncio das cenas. Um lugar misterioso, que nos faz imaginar coisas misteriosas dentro dele. A casinha da família se encontra no meio do bosque, e ao redor é coberto de árvores que preenchem uma sombra, onde o sol não aparece.

A religião é a principal fonte de sustento da família, mas o filme todo se baseia em pecado e opressão social. Tanto que pesquisando o nome Thomasin é importante observar que podemos perceber (em inglês *SIN* significa pecado) (SCOTTINI, 1999, p. 474)

Thomasin, era uma menina jovem, entre 15 a 16 anos de idade. Conforme as cenas se passam, podemos ver que ela não era uma pessoa ruim. Ajudava a cuidar dos irmãos,

---

<sup>2</sup>Imagem 2 – Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?q=jantar+no+filme+a+bruxa+2016&FORM=HDRSC>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

lavava roupas, limpava a pequena e humilde casa onde viviam. Seus traços angelicais, seu comportamento e suas roupas não descreviam como uma bruxa.

A jovem menina talvez fosse o último elemento de amor presente em casa, já que é a única que expressa seu amor pela família em determinados pontos do filme, enquanto cada membro da família parece desconfiar de tudo e de todos.

A menina tenta sempre dar o seu melhor para ajudar a família, pensando no bem de todos. Tom claro de pele, olhos castanho escuros e aparência tão angelical não fazem com que acreditemos que Thomasin pode ser uma bruxa. Mudar a imagem de uma menina que nos convence desde o início a acreditar ao contrário, parece ser algo contraditório.

De menina para bruxa, assim tão de repente. Faz com que os telespectadores levem um choque de sentido. A quebra de uma imagem de bruxa sendo atribuída a sentidos distintos ao presente no imaginário coletivo.

O filme gera uma reviravolta. Se analisarmos desde o início podemos perceber que a religião está presente o tempo todo. Os personagens vão morrendo aos poucos dando provas de que Thomasin é mesmo uma bruxa.

Figura 3 – Personagem Thomasin, no bosque.



Fonte: Google imagens – Cenas do filme *A Bruxa*.

As cenas do filme começam a ficar mais claras chegando na reta final. A menina começa a ficar suspeita de si mesma, conforme seu próprio comportamento. A morte dos integrantes da família vem aos poucos. Primeiro seu irmão recém-nascido, em seguida Kaleb e seus irmãos gêmeos e para finalizar seus próprios pais.

O clima vai se intensificando. Thomasin, começa a desconfiar de si mesma quando percebe que todos aos seu redor está morrendo, mas ela não é atingida. Fica a dúvida: Thomasin é mesmo uma bruxa satanista, ou realmente a floresta que cerca a propriedade da família é assombrada por seres sobrenaturais?

As cenas geram várias possibilidades para os telespectadores, que acaba não querendo acreditar na falta de inocência e compaixão da menina desde o início da trama. Mas, após a maioria já ter sido morta, a menina percebe que seus ataques acontecem durante a noite, quando ela vai dormir, criando assim mais uma prova de que ela era

---

<sup>3</sup> Imagem 3 – Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?q=thomasin+no+filme+a+bruxa+2016&FORM=HDRSC2>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

realmente a bruxa que matou sua própria família. O desespero toma conta da menina, e tanto ela quanto os telespectadores ainda não acreditam na reviravolta que a história deu.

Figura 4 – Personagem Thomasin, se revelando como bruxa, após matar todos da própria família.



Fonte: Google imagens – Cenas do filme *A Bruxa*.

O desfecho do filme reserva alguns dos momentos mais assustadores e perturbadores da história. A imagem de Thomasin é totalmente quebrada, mostrando a todos que a bruxa pode ter uma outra aparência, ser simbolicamente representada diferentemente do que estamos acostumados a ver. As cenas finais fazem com que os telespectadores fiquem surpresos. Todos nós desde pequenos conhecemos as bruxas como seres do mal, e o filme

---

<sup>4</sup> Imagem 4 – Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?q=thomasin+sendo+a+bruxa+no+filmes+a+bruxas+2016&FORM=AWIR>. Acesso em 30 de junho de 2019.

*A Bruxa (2016)* realiza essa quebra de sentido, a quebra ocorre relacionada à aparência angelical da bruxa, mostrando através das cenas algo totalmente diferente e inesperado.

A imagem da menina não se modifica, em todas as cenas seu rosto ainda é angelical, com o tom de pele claro. Seus cabelos longos são umas das poucas mudanças que chamam a atenção, quando a menina se descobre bruxa ela solta seus longos cabelos aparentando assim a liberdade ela. A libertação da menina como bruxa pode ter sido um ponto positivo em sua própria visão.

O filme, dessa forma, explora muito bem esse imaginário da bruxa, fazendo com que até mesmo o espectador, séculos depois, seja capaz de acreditar na existência de bruxas. A imaginação é atribuída a todos os sentidos do filme. Desde o início imaginamos que o mal existente na família vem de dentro do bosque onde vivem, um lugar sombrio e assustador. A descoberta de Thomasin como Bruxa faz uma quebra de imagem que nenhum telespectador estava esperando.

Conforme já citamos acima, “[...] os arquétipos podem se modificar conforme a mente humana”. A mente do telespectador teve que quebrar essa imagem arquetípica de bruxa para chegar a atribuir novos significados dela. Quando pensarmos em bruxa, podemos simplesmente dizer que existe bruxas do bem, nem todas são feias e assustadores. Mas, o mais importante, nem elas sabem que são até analisar si mesma e seus próprios comportamentos.

Nos contos de fadas a bruxa sempre será aquela pessoa que se dedica ao mal. Mas depois de assistir ao filme *A Bruxa*, criamos novas narrativas e representações simbólicas em nosso inconsciente. Através do nosso inconsciente, podemos mudar totalmente a história e atribuir a ela novos significados. O filme *A Bruxa* teve a missão de mostrar aos telespectadores uma nova face da personagem: quebrar a imagem de pessoa do mal e atribuir um novo sentido as histórias, mostrando que é possível sim dar novas formas e significados às imagens.

## CONCLUSÃO

Diante da história da bruxa e suas características, percebemos facilmente a quebra da imagem arquetipal no filme *A bruxa* (2016). A grande fonte de pesquisa para chegar aos resultados foi a teoria do imaginário de Gilbert Durand, que nos ajudou a entender e explicar os acontecimentos durante as cenas do filme.

Nos aprofundamos na análise fílmica e especificamente na personagem Thomasin, que não se apresentava como bruxa e com o passar do tempo foi se transformando. Assim como no filme ficamos com a inquietação de mostrar a quebra dessa imagem de bruxa prenhe no imaginário social.

O objetivo dessa pesquisa foi descrever o arquétipo de uma personagem mostrando novas formas. Analisando sua postura, roupas e características físicas e psicológicas nos permitiu uma sensação de ansiedade para chegar ao resultado. Os elementos simbólicos que fazem uma bruxa ser caracterizada como a personagem obteve mudanças até o fim do filme. A identidade já posta da bruxa para todos foi atribuída a novos olhares e sentidos.

Para tanto fez se necessário usar a imagem da bruxa no filme com a imagem que estamos acostumados a ver, percebendo assim a quebra da imagem arquetipal da bruxa através da narrativa fílmica de Robert Eggers. Seguindo o estudo através de pesquisa e análise na teoria do imaginário.

Os resultados demonstram que conseguimos perceber a quebra da imagem da menina se comparando com o arquétipo da bruxa universal. Através das imagens e de sua história, mostrada em ordem cronológica podemos ver que a menina era uma bruxa, mas, só descobriu sua nova face nas cenas finais do filme.

Logo, concluímos que o filme conseguiu mostrar a quebra da imagem da bruxa. Conseguimos chegar aos nossos resultados esperados embasadas na teoria do imaginário de Gilbert Durand, que foi essencial para a análise e os resultados. A quebra da imagem da bruxa no filme desde o início foi a fonte de pesquisa principal. Assim como no filme, a expectativa criada sob a personagem da bruxa para a quebra da imagem do arquétipo foi

extremamente esperada, causando a angústia pela espera de resultados, que no final desse trabalho conseguimos concluir.

Conforme Silva (citado por GONÇALVES, 2017, p. 144):

Através dos tempos a narrativa histórica fascina os homens. O espelho do passado distorce as imagens do presente, assim como os desejos do presente deforma histórias do passado. Já se tentou fazer da história um História maiúscula feita de cronologias, de linhas do tempo, periodizações seguras, leis e verdades absolutas. Já se tentou separar história de estórias. A grande obsessão sempre foi decifrar o passado para melhorar o presente e evitar erros no futuro. Raramente funcionou. O presente inventa novos erros. O futuro é uma miragem.

É inevitável não atribuir novos olhares para as personagens. As narrativas históricas abrem novos horizontes e possibilidades de explorar caminhos diferentes. Desse modo é possível acreditar que esse trabalho ainda pode ter uma nova fonte de pesquisa e descobertas. Atribuir novos sentidos faz parte do imaginário. O passado ainda é explorado, mas no presente a inspiração é a procura de novas reinvenções, atribuindo fantasia e despertando magia de um mundo cheio de imaginação.

## REFERÊNCIAS

A BRUXA. Robert Eggers. Direção: Robert Eggers, Produção: Daniel Bekerman, Lars Knudsen, Rodrigo Teixeira e Jan Van Hoy, Brasil, 19 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://assistirfilmes.me/a-bruxa.html> . Acesso em 30 de junho. 2019.

CHAMIZO, Era uma vez... outra vez: a reinvenção dos contos de fadas. **Carolina Henrique Babo**. Curitiba: Appris, 2016.

DURAND, Gilbert. **Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA-SANTOS, M; ALMEIDA, R. de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.

GONÇALVES, Elton. **Imaginário e identidade nacional: análise mitocrítica na série de TV família imperial**. Tubarão, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/milen/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/Dissertação%20-%20Elton%20Luiz%20Gonçalves.pdf>. Acesso em: 30 de junho. 2019.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gibert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

GONÇALVES, Elton. **Imaginário e identidade nacional: análise mitocrítica na série de TV família imperial**. Tubarão, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/milen/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/Dissertação%20-%20Elton%20Luiz%20Gonçalves.pdf>. Acesso em: 30 de junho. 2019.

SCHIFF, **As bruxas: intriga, traição e histeria em Salem**. Stacy Schiff. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

MENON, Maurício César. **Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX**. USP, São Paulo, Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/MAURICIO\\_O\\_MENON.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/MAURICIO_O_MENON.pdf). Acesso em 30 de junho. 2019.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidicionário Português-Inglês-Português**. Blumenau: Todolivro, 1999.